

Química social e a meia-vida das revoluções moleculares

Benito Maeso

Resumo: A partir de uma leitura do conceito de revolução molecular, apresentado por Deleuze e Guattari, busca-se analisar de que forma este pode indicar uma maneira inovadora de enfrentamento das formas de opressão que caracterizam a contemporaneidade como também entender a duplicidade contida em seu interior e o risco de seu funcionamento como caminho para reconfigurações mais opressivas ainda por parte do sistema capitalista, descrito como uma forma de vida que ultrapassa a questão da propriedade dos meios de produção para imiscuir-se em todas as instâncias do tecido social. Se a rota da uma grande revolução, que porá fim aos problemas e criará uma nova realidade estaria bloqueada, o caminho seria o de pequenas revoluções permanentes, que vão produzindo novos fluxos de desejo e de ações, novas possibilidades de ser, de sentir, de pensar, de agir? Qual a eficácia de lutas ditas moleculares? A partir de que momento uma luta de libertação social tenderia a transformar-se em seu oposto? Os populismos modernos seriam tão moleculares quanto as lutas e o ativismo das minorias?

Palavras-chave: Molecular, Deleuze, Guattari, populismo, revolução.

Abstract: Using the concept of Molecular Revolution as a standpoint, this article aims to analyze its potential to produce innovative ways to fight against contemporary forms of oppression – or, in the other hand, its potential to enable new forms of oppression in capitalist societies. Capitalism itself can be understood as a way of life, something bigger than the ownership of means of production. If the path to a big revolution is blocked, is it possible to think about small and continuous revolutions as a way to create new flows of desire and actions, new possibilities of being, of feeling, of thinking, of action? How effective are molecular revolutions? When and how a struggle for social

freedom tends to become its opposite? Are modern populisms as molecular as the struggles and the activism of social minorities?

Keywords: molecular, Deleuze, Guattari, populism, revolution.

Criar perturbações na química social é um dos pressupostos das chamadas revoluções moleculares, expressão que aparece nos estudos de Gilles Deleuze e Felix Guattari e que simboliza diversos temas (ou estratégias) que tem como elemento comum a ação, visibilidade e postura política de grupos sociais à margem dos padrões dominantes. O deslocamento da compreensão do que é a ação política, das decisões macro (eleições, greves, embates partidários) para o micro, a ação direta de coletivos, “grupelhos” ou grupúsculos - termos usados pelos próprios autores em suas obras - para provocar impactos na (des)organização social.

Este texto buscará focar nos conceitos de molar, molecular e em seus sentidos de organização política¹, buscando dar elementos que subsidiem uma resposta às questões relacionadas à eficácia e alcance de tais estratégias de combate em uma sociedade na qual o capitalismo passa por transformações

¹ Em um primeiro momento, o conceito de entropia (a variação da desorganização molecular em um sistema) foi considerado para fazer parte desta análise. Porém, a interpretação comum do termo – desordem – e que está em algum nível presente em conceitos de diversos pensadores que utilizam a entropia como categoria política, social ou estética (como Rifkin, Prigogine, Flusser e Lévi-Strauss) pode abrir espaço para uma interpretação equivocada de que a entropia contenha um potencial de criação por si mesma. Se a desordem de um sistema chega a um valor máximo e depois tende a um equilíbrio, a entropia parece se aproximar muito mais da ideia de um fluxo constante entre reterritorialização e desterritorialização do que à possibilidade de que o caos entrópico levasse o sistema (social) a um ponto de não-sustentação. De certa forma, Deleuze faz este alerta desde *Diferença e Repetição*, quando define a entropia à luz das ideias de anulação ou diluição das séries de diferenças constitutivamente implicadas num sistema.

radicais. A preponderância das pequenas ações revolucionárias, das organizações sociais e coletivas que funcionem ao largo dos modelos da democracia representativa, da conquista de cadeiras no Parlamento ou da fórmula clássica dos sindicatos de paralisação, bandeiras e lutas para categorias específicas. Isso sem falar do problema da ausência de representação ou espaço de fala dentro da estrutura tradicional dos ditos partidos revolucionários (sendo que a revolução propagada por estes é surpreendentemente organizada, segue ditames específicos e etapas das quais não se pode fugir, além de demandar um tipo de organização de massa muito específico).

Mas se há uma crise dos modelos tradicionais de mobilização, como agir? Como seria possível fazer uma micro-revolução todo dia, em ações aparentemente comuns? Como inventar formas para dar ao desejo uma posição revolucionária, impedindo que este seja adestrado, capturado e controlado? Se a rota da uma grande revolução, que porá fim aos problemas e criará uma nova realidade estaria bloqueada, o caminho seria o de pequenas revoluções permanentes, que vão produzindo novos fluxos de desejo e de ações, novas possibilidades para a expressão das subjetividades e dos modos de ser, de sentir, de pensar, de agir? Seria possível desta forma estabelecer laços sociais que não nos atomizem e, por conseguinte, não nos levem ao isolamento, tornando-nos presas fáceis para um novo totalitarismo? Ou as revoluções moleculares tem prazo de validade, correndo o risco de serem capturadas e mobilizadas para reafirmar o sistema que buscam combater?

As lutas sociais e seus agentes podem ocupar esse espaço de criação, de produção e exposição de subjetividades políticas. Logo, também é preciso falar neste texto sobre o que seria molecular em suas práticas, e de qual tipo

de molecularidade estamos falando. Seria possível pensar em uma “química social” a partir destes fatores?

Molar e molecular

Os termos maior/molar e menor/molecular² são profundamente detalhados por Deleuze e Guattari em sua análise sobre Kafka, ligados a uma compreensão de elementos da composição e produção literárias. Ser “menor” não é um juízo de valor de uma literatura, mas as condições revolucionárias de toda literatura no seio daquela que se chama grande (ou estabelecida). A chamada literatura menor – a literatura que uma minoria faz dentro da língua ou literatura maior - elenca três características fundamentais:

- Seu “coeficiente de desterritorialização” – um tipo de não-pertencimento a um cânon ou uso consagrado da língua, abrindo espaço para experimentações linguísticas. Deleuze e Guattari dão como exemplo o uso do idioma alemão por Kafka, judeu checo. “Kafka define nesse sentido o impasse que barra aos judeus de Praga o acesso à escrita, e faz de sua literatura algo de impossível: impossibilidade de não escrever,

² Molar – relativo a Mol, a unidade de medida que assinala a quantidade de átomos ou moléculas em determinada substância. Um Mol de qualquer elemento terá sempre a quantidade de $6,02 \times 10^{23}$ átomos ou moléculas deste elemento e será equivalente à sua massa atômica.. Por analogia, Deleuze a usa como indicativo de totalidade, ou como referência a um padrão majoritário ao qual os indivíduos (moléculas) se adaptariam.

Molecular – relativo à molécula, associação de átomos, iguais ou diferentes, que se unem por ligações covalentes. Por analogia os autores pensam no molecular como a liberdade de associação, pensamento e ação de indivíduos e grupos para além das ligações “molares”, onde todos os átomos e moléculas são da mesma natureza.

impossibilidade de escrever em alemão, impossibilidade de escrever de outro modo.”

- A ligação imediata entre indivíduo e política. Conforme os autores, nesta literatura “o campo político contaminou todo enunciado”. No mundo, indivíduo e sociedade existem em interpenetração, e tal caráter político da literatura não dá espaço para diálogos dentro do triângulo pai-mãe-filho, já que esta relação familiar é tocada e esgarçada por outras, externas e sociais, que concorrem em sua composição. Isso é muito diferente de uma literatura “engajada” ou panfletária.

- O agenciamento coletivo de enunciação: Kafka não é um líder ou uma vanguarda, mas aquele que, de certa forma, cristaliza aquilo que aquela comunidade quer dizer mas que ainda não encontrou sua voz. A consciência coletiva ou nacional está “sempre inativa na vida exterior e sempre em vias de desagregação”. É a literatura que se encontra encarregada positivamente desse papel e dessa função de enunciação coletiva, e mesmo revolucionária: é a literatura que produz uma solidariedade ativa, apesar do ceticismo; e se o escritor está à margem ou afastado de sua frágil comunidade, essa situação o coloca ainda mais em condição de exprimir uma outra comunidade potencial, de forjar os meios de uma outra consciência e de uma outra sensibilidade” (DELEUZE, GUATARRI, 1974, p.27). O escritor acaba por amplificar esta nova consciência.

A definição da literatura maior se dá por contraste: versa sobre temas descolados do cotidiano, repete – em diversos níveis - a lógica do romance familiar dos séculos XVIII e XIX, cria cânon ou escola, está centrada nos conflitos e interações entre personagens que, apesar de estarem em um mesmo

ambiente, parecem viver em uma bolha que os protege do mundo que os cerca.

Entendendo a literatura como um componente de expressão de uma sociedade, os significados de *menor* e *maior* estão diretamente ligados a processos e modos de vida. Se *maior*, ou majoritário, remete a padrões fixos e gerais, que funcionam como regras, o *menor* ou minoritário se desvia e se volta contra a configuração destes padrões abstratos. Para Deleuze, o maior se refere ao nada ou a ninguém, pois induz o ajuste a um modelo impossível de fato. Em contrapartida, o menor se expressa em momentos concretos de saída do padrão, sendo a enunciação coletiva surgida da constatação de que tal homogeneidade não existe na prática.

Pois a maioria, na medida que é analiticamente compreendida no padrão abstrato, não é nunca alguém, é sempre Ninguém — Ulisses —, ao passo que a minoria é o devir de todo o mundo, seu devir potencial por desviar do modelo. Há um "fato" majoritário, mas é o fato analítico de Ninguém que se opõe ao devir-minoritário de todo mundo. É por isso que devemos distinguir: o majoritário como sistema homogêneo e constante, as minorias como subsistemas, e o minoritário como devir potencial e criado, criativo³.

Os modelos molares seriam vazios – mostrando a dificuldade do reconhecimento de si dentro do molde-padrão do Eu na sociedade – e o minoritário é campo de experimentação, expressão e criatividade para quem, espremido por todo lado em modelos maiores, não vê modo de delimitar espaço onde poderia ser parte de algo maior já dado (o povo).

Ao transpormos este instrumental ao campo da política, o que poderia ser considerado um modelo majoritário? Deleuze elenca o “proletário” soviético e o “homem do novo mundo” estadunidense como representantes desta categoria⁴ e, por definição, impossíveis de ser verificados

³ DELEUZE, G;GUATTARI, F. Mil Platôs. Vol. 2. p. 105

⁴ Cfe. THOBURN, 2003, p. 16-17.

na prática até por suas próprias “características”: compartilham uma ideia da construção de um novo tipo de homem sem predecessores ou particularidades. No primeiro caso, a sociedade de “camaradas”, composta pela proletarianização universal. No caso dos EUA, a sociedade de “irmãos” - até no sentido religioso - nascida da imigração universal. Em ambos, há uma coletivização forçada embutida na promessa subjacente a estes modelos de liberação em relação aos conceitos “europeus” ou “burgueses”, conforme o caso, de família, nação e herança/propriedade privada. Porém, na prática, os modelos predecessores ressurgiram com maior vigor, e a coletivização abriu as portas para o surgimento de sociedades totalitárias.

Uma política molar se define, portanto, como construção de unidade conceitual ou discursiva. Ao afirmarmos campos políticos ou personagens conceituais políticos, inclusive em relação a nós mesmos, essa afirmação é secundada (ou simultânea) pela afirmação de um conjunto de características que estão implícitas na afirmação feita. Essa simultaneidade e referenciação histórica acaba por cristalizar um entendimento único de si e do processo, carregado de tradições e de suas ruínas, mas sem conseguir ressignificá-las. Nesse contexto, a frase de Marx⁵ sobre a repetição da história é instrutiva, mas caberia a ousadia de imaginar que ela é tragédia e farsa simultaneamente.

Já o próprio termo “molecular” – uma multiplicidade discursiva que escaparia da unidade conceitual majoritária, mesmo que ainda de forma a relacionar-se com esta - pode ser pensado de diferentes formas, e dessa colisão⁶ de significados espera-se que seu potencial revolucionário se

⁵ A abertura do *18 de Brumário de Luís Bonaparte* (MARX, 2011, p. 25).

⁶ Esta colisão de significados, que vemos por exemplo na apropriação e ressignificação de termos de outras áreas trazidos para as lutas sociais, pode ser vista em analogia com os experimentos de colisão molecular artificial realizados em aceleradores de

descortine. Neste ponto, as manifestações e estratégias de grupos tidos como à margem da sociedade, de diversos matizes (sem-terra, sem-teto, movimentos afro, feminista, LGBTQ+, de mobilidade urbana, etc.), mostram-se como agentes de impacto nesses agenciamentos políticos, nessa criação de um campo de ação que escapa de fórmulas convencionais do fazer político por seu caráter de luta macro e micropolítica. As cadeias de opressão⁷ e subjugação de grupos sociais não estão presentes somente na relação do Estado com esses grupos, ou na lógica econômica das classes, mas também nas relações interpessoais, nos preconceitos diários. Do ponto de vista prático, é possível pensar a molecularidade de duas formas:

A) Integrar o conceito das ações moleculares a um conjunto mais “tradicional” de ações, relacionando-as com a ideia de micro-sociedade e à

partículas. Os colisores geram partículas como hádrons e fótons (que possuem certa estabilidade dentro do princípio de incerteza), mas há seu produto residual (bóson de Higgs e matéria escura) que não se sabe se são corpúsculos, ondas ou forças. E é esse resíduo (mais do que as partículas obtidas) que explica como se relacionam os elementos positivos da experiência (a matéria escura, por exemplo, é o estofado da gravitação, o tecido que permite a propagação de ondas magnéticas – negando a ideia de vácuo – e o bóson de Higgs transfere energias de diferentes naturezas para regiões diferentes da realidade, de modo a formar uma membrana protetora que controla a expansão universal). Traduzindo em termos políticos: o resíduo da colisão de significados da ação política numa sociedade (expressa nas coisas mais apolíticas – se é que podem existir – como a cultura *pop*, o *trash*, o *kitsch*, a pornografia, o fundamentalismo evangélico, os *memes*) podem não ser o subproduto, mas a nervura e os pontos de gravitação da política. Ainda que admitindo o fato de que a colisão atômica, enquanto processo de investigação, não *cria* ou deriva novos elementos, mas *fragmenta* elementos existentes para localizar e entender as partículas das quais tais elementos são feitos, a metáfora é interessante exatamente por, na prática, permitir a compreensão dos modos de *relação* entre as partículas na compreensão do elemento geral.

⁷ Seriam as cadeias de opressão de uma sociedade as moléculas degradadas de um sistema social que se desestabilizou, como as toxinas resultantes de reações bioquímicas?

ação em conjunturas localizadas em áreas geográficas restritas ou circunscritas a grupos pequenos, deslocados de lutas mais amplas e teoricamente de maior peso político para a superação do capitalismo. Como exemplos dos casos acima, associações de bairro, grupos de mulheres, etc.

Estas perspectivas não dariam a tais práticas maior poder de ação e estratégia no combate ao modo de produção capitalista, dando a noção de que os movimentos sociais, por exemplo, jamais afetariam as macroestruturas sociais, algo que somente seria possível pela ação do movimento sindical -- o agente, por excelência, da operação da contradição Capital *versus* Trabalho -- e pela ação dos partidos políticos. O movimento popular funcionaria apenas como espaço onde despontam lideranças para atuarem posteriormente no sindicato e no partido, devendo apoiar a luta sindical e partidária, bem como levar à massa⁸ a ideologia do partido. Portanto, a partir *dessa noção* de molecularidade atribui-se um papel tático a estes movimentos. Porém, é problemático, no mínimo, pensar que tais movimentos populares não enfrentem também a contradição acima citada.

B) ou compreender o molecular de forma mais aberta, crítica e revolucionária como a dimensão da práxis que consegue romper radicalmente com as formas vigentes de exploração e de dominação que se travam nas

⁸ De forma análoga, seria a “massa” o corpo atômico formado por prótons (os elementos politicamente ativos da sociedade) e nêutrons (o vulgo alienado, o povo enquanto massa de manobra) e a nuvem de elétrons a esfera dos movimentos, sindicatos e partidos? É fato que o “nêutron” sozinho não dá conta da multiplicidade das conformações sociais presente mesmo dentro do que, no passado, se imaginava ser um corpo social relativamente amorfo e coeso. Porém, em um exercício de especulação, é possível perceber elementos ditos moleculares na imensa capacidade de aglutinação e captação social de movimentos como VemPraRua e seus assemelhados, com agentes e influenciadores galvanizando as reações que levaram o corpo “amorfo” da sociedade a embarcar em suas pautas.

políticas do cotidiano, em esferas tão diversas como as pedagógicas, eróticas, econômicas, etc. A molecularidade teria o potencial de subverter os condicionamentos que são colocados tanto pela Indústria Cultural como pelos padrões culturais tradicionais, que oprimem indivíduo e sociedade.

O caráter das revoluções moleculares, neste caso, significa a capacidade de grupos e movimentos sociais de transformar não apenas as estruturas de produção e reprodução social, mas as relações sociais do cotidiano na construção de uma nova sociedade. Se o capitalismo evoluiu para modo de vida e cultura, além de sistema econômico, o caráter estratégico dos movimentos está em seu potencial de atuação e intervenção na dinâmica da dominação subjetiva.

O mecanismo que torna a molaridade e a molecularidade processos simultâneos e não-antagônicos é o fato da sociedade capitalista não se restringir à produção de mercadorias, mas, como Marx observa, transformar toda a sociedade em uma imensa coleção de mercadorias⁹, produzindo objetividades e subjetividades simultaneamente. Integração e diferenciação simultâneas funcionam como motor das relações sociais de produção. É preciso pertencer e ser único, via elementos predefinidos pelo próprio ambiente social. Ao desejo de integração une-se sua imagem especular, o medo do isolamento, e o desejo de diferenciação, que carrega o medo da semelhança - ou do compartilhamento, em algum nível, daquilo que, em teoria, torna cada um “único”.

Se isso molariza, também pode molecularizar. Na política menor, para Guattari, a tarefa que se impõe é a de destituir dicotomias (homem/mulher; bem/mal; esquerda/direita; norte/sul) em proveito da afirmação de um

⁹ *O Capital*, Livro I, 2014, p. 157.

presente muito mais caótico e múltiplo, o entendendo como uma profusão de fatores econômicos, culturais, étnicos, simbólicos, animais, de forma simultânea e hibridada¹⁰. A rica terminologia deleuzoguattariana, incompreensível aos olhos dos não-iniciados com seus processos semióticos híbridos e devires mulher, criança, animal, vegetal, mineral, negro, molecular, etc., significa, ao fim e ao cabo, uma aposta no poder da singularidade, no reconhecimento dela por parte do indivíduo ou grupo e o reconhecimento de que cada singularidade é atravessada pelas dos demais integrantes do tecido social.

Por essa razão, o conceito de devir é fundamental nas revoluções moleculares e nas práticas políticas imbricadas a estas, pois abriga duas características importantes, dentro do proposto por Guattari e Deleuze: 1) a conexão entre singularidades como seu ponto de partida, dificultando a formação de identidades fixas, molares; 2) o fato de suas conexões se darem entre moléculas, ou grupos que estão fora do arranjo “estável” da substância química chamada sociedade. Para esses teóricos, são impensáveis (será?) devires-homem, ou devires-branco, ou devires-rico.

As conexões dar-se-iam entre alteridades, criando novas formas de expressão e, ao mesmo tempo, novas visões de mundo revolucionárias. “Devir-alguma coisa” é embarcar nesse processo, criar novas formas de ver e ser no mundo. No fundo, todo mundo é uma molécula, um grupúsculo, uma minoria, em constante modificação.

Porém, esse caráter molecular normalmente não é bem compreendido. Ainda que, a partir da própria leitura deleuzoguattariana, as

¹⁰ Como tratado em *Revoluções Moleculares* (1981), principalmente no capítulo “As lutas do desejo e a psicanálise”.

lutas moleculares abrangem também o combate à discriminação e, portanto, são lutas contra a ideologia dominante, é preciso lembrar que centrá-las no ataque ao Estado reduz o escopo de luta a uma relação na qual ou busca-se o acolhimento do Estado ou a negação de sua presença.

Tal tática acabaria por diminuir a capacidade desta luta em provocar impactos na cultura, tanto em sua dimensão tradicional como de massa e na difícil relação entre opressão cotidiana e a apropriação, por parte do capital, dos mecanismos que em teoria podem ser usados contra tal opressão. O padrão é absolutamente inatingível e irreal, porém aderimos e nos reconhecemos nele quase automaticamente, fazendo com que o papel do opressor surja como desejável para aqueles que se encontram hoje oprimidos.

Disso surge uma questão aparentemente paradoxal: será que realmente não é possível a existência ou o desejo a esses devires ditos impensáveis? Tal profusão não poderia acionar combinações estranhas de moléculas, que ao invés de liberar forças revolucionárias, liberaria forças de uma “revolução conservadora”, ou um desejo autêntico do oprimido em manter a estrutura, apenas trocando de lugar nela? Seria possível o devir libertário virar conservador? Pensar esse paradoxo, sem nenhuma ilusão de decifrá-lo, requer assumir que o uso das táticas moleculares não é privilégio ou exclusividade de nenhum campo político, principalmente do progressista, até mesmo porque a operação desses conceitos varia de acordo com o cenário e inclusive de acordo com a localização.

Atomismos sociais

Como existe em grande número, cada átomo possui em si mesmo a diferença que o distingue de todos os outros; logo, é em si mesmo uma multiplicidade. Mas ele existe

simultaneamente na determinação do átomo, o que obriga a que a multiplicidade seja nele, de um modo necessário e imanente, uma unidade; isso acontece no átomo *pelo simples fato de existir*. (MARX, p. 15).

Moléculas são feitas de átomos. Movimentos e grupúsculos, de pessoas, onde coexistem interesses individuais e coletivos. Deleuze e Guattari querem que pensemos e sintamos a nós mesmos, individualmente, como muitos, como forma de estabelecer as relações com os demais. Porém, a via contrária também é uma possibilidade, pelo simples fato de as pessoas existirem e nelas coexistirem identidade e multiplicidades: de uma molecularidade, recair-se-ia em um atomismo revolucionário, ou o que poderíamos chamar de “ativismo de si”, imagem especular do empresariamento do sujeito que caracteriza os tempos neoliberais. O novo molar é o sujeito que, para vencer a si mesmo, se volta contra o sistema pois vive-se imerso dentro de sua (ir)racionalidade - e sua linguagem, maneirismos e modos são reproduzidos (o uso de termos como *empowerment* nas lutas sociais, longe de ser uma subversão da linguagem empresarial, pode ser entendido como um reforço da ideologia competitiva que a palavra carrega). O neoliberalismo também tem, por mais estranho que isso pareça, um componente similar a ações moleculares.

Se o sucesso ou fracasso na sociedade neoliberal é responsabilidade exclusiva do indivíduo ou do grupo de indivíduos, a produção de engajamento é simultaneamente negação e confirmação do processo: o fetiche de ser ouvido e respeitado como formador de opiniões em um mar de opiniões e dados sem controle. A competição para descobrir quem é mais desconstruído. A ideologia do sucesso como componente central das ideologias que

historicamente posicionaram-se contra a necessidade de sucesso a qualquer preço.

Se o mundo é complexo demais para ser mudado, cada um muda a si mesmo e adota a mesma postura prescritiva, pois centrada em um conjunto de valores que assume como verdade apenas as crenças preexistentes do indivíduo e do grupo ao qual pertence. A lógica de competição do neoliberalismo é facilmente identificável na ausência de intersecção entre movimentos sociais com objetivos similares mas que concorrem entre si para a aceitação entre seus pares ou pelo conjunto da sociedade, seja em disputas pelo mercado das lutas sociais como na ilusão de atividade proporcionada pelas ferramentas online.

Mas se o uso das táticas moleculares não é privilégio do campo progressista, a reprodução de comportamentos e táticas molares não é exclusividade das forças reacionárias. As variadas formas de violência e discriminação, imbricadas ao capitalismo que as usa também para produzir mais-valor (assim como o próprio capitalismo usa as resistências a estas formas como produtoras de mais-valor), expressam todo um conjunto de forças difusas presentes também no campo popular, que tendem ao majoritário e se exercem seguindo padrões que orientam as ações das pessoas, formadas desde crianças para exercer tal comportamento. Seria possível, então, lutas moleculares passarem a pedir por inclusão e aceitação junto ao sistema que antes combatiam, como uma partícula radioativa que alcançasse

sua meia-vida e passasse a se transformar¹¹ em chumbo ou elementos não-artificiais¹².

O processo de “desconstrução” desses padrões, sozinho, não basta, assim como não adianta reprimir esse conjunto de forças, mas canalizá-lo para a reescrita das subjetividades, escapando ao máximo das amarras sutis dos modelos molares, e de uma nova sociedade, na qual a criação de novos horizontes e linhas de fuga pessoais possam gerar novos horizontes tanto no micro como no macropolítico, o que exige romper os paradigmas que regem os indivíduos cuja subjetividade é construída segundo os jogos de poder do

¹¹ O trabalho de Nancy Fraser sobre a cooptação de certos segmentos das lutas feministas pela lógica da empresa, cooptação que passa a reduzir um problema complexo como a opressão do patriarcado na sociedade apenas a uma luta por salários iguais, ou seja, por poder de consumo e satisfação igual ao masculino, mostra que a equivalência abstrata operada pelo dinheiro e pela circulação e apresentação das mercadorias no campo social nunca pode deixar de ser objeto de crítica social séria. Esta apropriação e adestramento das lutas sociais, no formato denunciado pela autora, reproduz a ideia da aferição do valor da pessoa em sua equivalência em mercadoria-dinheiro. O ativismo de si é um fetiche de si, ou o o quanto você “vale”, o preço de seu eu-produto no mercado. Quanto mais caro se é, mais o indivíduo se auto-deseja. Seria o “destino” de toda luta social ser cooptada pelo sistema, seguindo essa lógica?

¹² Na maioria das vezes, o lixo nuclear resulta em outros elementos ainda mais radioativos (como plutônio e califórnio) ou isótopos (como o césio-137), que existem na Natureza. Em termos políticos, continuando o raciocínio anterior: o bolchevismo leninista se transformou na república burocrática de Stalin (emulando a criação dum isótopo, ou seja, um átomo mutante e deformado), a socialdemocracia de Weimar degradou em nazismo (um elemento coeso passou a emitir radiação) e o chavismo sob Maduro reativou o sistema das ditaduras civis-militares latino-americanas (com traços, inclusive, do fujimorismo – uma analogia com a meia-vida obtida artificialmente, através da aproximação e exposição a elementos radioativos, como o uso do cobalto para ativação de outros elementos, que não raro assimilam características deles). O lulismo (ou lulopetismo), esquerda de caráter reformista e conciliador, como vimos, degradou no “bolsonarismo” (direita autocrática, teocrática e militarista, associada ao neoliberalismo, e adepta dum governo pautado pelo caos social e pela desordem institucional, tática criada por Órban).

capitalismo. Fundirmo-nos nuclearmente a nós mesmos pela fusão às demais moléculas.

A batalha conta o capital é também um combate constante contra as ferramentas ideológicas de exploração e de dominação social, desde a produção da subjetividade do indivíduo e da constituição das linhas de fuga a partir das políticas do cotidiano e de suas relações de poder. Dessa forma, os movimentos moleculares miram a elaboração de novas formas de pensar e agir subversivas ao capitalismo, visto que este ainda possui formas eficazes de plasmar as discriminações e dominações presentes no cotidiano ao seu próprio funcionamento. Porém, convivem permanentemente com o risco de tornarem-se fiadores do sistema que julgam combater. Isso acontece por uma questão muito simples: molar e molecular são *estratégias*, não *posições* em um espectro político.

Hibridizações

O que se torna essencial é conectar uma multiplicidade de desejos moleculares, conexão esta que pode desembocar em efeitos de "bola de neve", em provas de força em grande escala. Exatamente o que se passou no começo do movimento de Maio de 68: a manifestação local e singular do desejo de pequenos grupos encontrou em uma multiplicidade de desejos reprimidos, isolados uns dos outros, esmagados pelas formas dominantes de expressão e de representação. (GUATTARI, p. 177).

Foram traçados alguns esboços sobre o molar e o molecular, suas formas de funcionamento e as relações que estabelecem (é interessante lembrar que um Mol é uma medida de grandeza referente ao número de partículas. Um mol tem $6,02 \times 10^{23}$ átomos ou moléculas. Se formos manter a comparação entre química e revolução, o padrão majoritário – a medida molar

– refere-se então a um número x de eventos moleculares reunidos e organizados de diversas formas). Uma agitação molecular certamente reconfigura o arranjo interno do mol, mas teria potencial para destruí-lo realmente ou apenas aumentaria sua dimensão? Elementos radioativos transmutam-se em metais como o chumbo pela perda de prótons; expandir a *desorganização* de um sistema significa também *aumentar seu tamanho* molar. Na segunda lei da termodinâmica, molar e molecular coexistem, não são antagônicos ou opostos e trabalham em simultaneidade, visto que talvez sejam facetas diferentes de um processo único. Na micropolítica também, sendo possível reorganizar tais elementos. Na macropolítica, isso leva a um paradoxo.

A revolução molecular é um processo que se dá, ao final, por engajamento e tensionamento de limites: quando uma demanda é molarizada ou obtida, outro agenciamento de forças busca tensionar o campo político-social, mobilizando afetos que posteriormente transformam-se em discursos racionais. É interessante comparar a fala de Guattari que abre este trecho com uma postagem que circulava pela plataforma de *microblogging* Twitter no dia 27 de abril de 2019, antes das eleições na Espanha, sobre artigo no jornal *El Mundo*¹³ onde comentava-se uma insatisfação difusa na sociedade espanhola às vésperas do pleito que se expressava, entre outras coisas prementes como emprego e renda, nas falas das pessoas ditas comuns que estariam fartas da

¹³ O artigo em questão fazia parte de uma série de análises sobre os principais partidos que disputavam a corrida eleitoral espanhola e sobre quais seriam seus diferenciais aos olhos do eleitor. Neste, assinado por José Ignacio Torreblanca, discutia-se explicitamente sobre o poder de atração e convencimento do Vox (partido de extrema-direita espanhola) sobre os eleitores hoje em comparação com a ascensão do Podemos, de esquerda, nas eleições anteriores. O artigo foi pesadamente compartilhado nas redes sociais no fim de semana anterior à eleição.

“superioridade moral” do campo progressista e seus discursos sobre aceitação, tolerância e defesa das pautas de grupos minoritários (o que seria, ao final, a interferência de elementos moleculares em estruturas majoritárias representativas, ainda que ao tender ao majoritário parte dessa “energia entrópica” não se tornasse trabalho, ou resultado quantificável dentro das regras majoritárias). O interessante é que parte dessa “superioridade moral” era definida pelos entrevistados como sinônimo de uma postura interpretada como acusatória, agressiva ou paternalista em relação a quem pensasse de outras formas.

E se as revoluções moleculares, que ocorrem nos indivíduos e grupos e depois se espalham pela sociedade, produzirem devires neofascistas? Se o desejo por se libertar do que consideram “molar”, como as formas de política representativa, galvanizar a insatisfação geral e difusa na direção de algo aparentemente paradoxal como o bordão brasileiro “liberal na economia, conservador nos costumes”, o quanto tais desejos seriam “inautênticos”?

É preciso pensar a validade total ou parcial da afirmação de que desde 2013 houve uma disputa de narrativas e o campo progressista não soube se fazer entender. Isso até um ponto ocorreu, é certo, mas é preciso levar em conta os desejos que moram em cada átomo e como se dá a associação molecular entre eles (de forma iônica ou covalente, ou seja, de adesão completa aos ideais totalitários ou compartilhando alguns, mas não todos, mas ainda assim “trocando elétrons” com estes).

Quem está no extremo do espectro da direita enxerga-se como minoritário e como *outsider* até mesmo em relação à direita tradicional. Para quem participa destes movimentos, os discursos em questão citados na reportagem – tão caros ao campo progressista - são o “molar” que deve ser

sacudido. Mas e quem apenas quer seguir sua vida, compartilhando das mesmas preocupações com trabalho, moradia, transporte e segurança, e que acaba realizando as ligações covalentes com quem diz aquilo que elas esperam e que sabem manipular afetos como medo, ódio e esperança?

Algo está sendo dito no mundo nesse momento, mas é preciso traduzir o que é. Pode-se imaginar que boa parte das pessoas no planeta está tão enfeitada pelo capitalismo neoliberal que não consegue sequer estabelecer uma relação empática com os outros “átomos”. Pode-se pensar que um grande contingente populacional não consegue perceber a concordância de seus desejos com os discursos progressistas, por um problema de comunicação. Pode-se imaginar também, e de forma não-excludente, que repousa nas pessoas um desejo de destruição sem sua contrapartida criadora ou vontade de reconciliação. Como exemplo, é bom lembrar que o *troll* de Internet que, em um comercial da *Sprite na Argentina*, foi confrontado com as pessoas que ele xingava e ofendia não mudou seu comportamento e ainda ganhou mais visibilidade¹⁴.

Os populismos contemporâneos, que manejam de forma eficaz o par conceitual minoria e maioria (pois seu discurso é cambiante de acordo com a necessidade de fala e escuta do interlocutor, que ora se enxerga como injustiçado e pertencente a uma minoria tratada de forma desigual, ora se vê como parte de uma maioria que estaria em risco pela presença de minorias) usam táticas moleculares para a alteração do campo molar e com isso estão

¹⁴ A campanha, criada pela agência Santo (Buenos Aires), monitorou redes usando recursos de inteligência artificial para identificar o perfil mais raivoso e com o discurso de ódio mais contundente. No comercial, o *bater* foi colocado frente a frente com as pessoas que foram insultadas por ele. As vítimas, em uma bela demonstração de amor cristão, o perdoam, mas, conforme reportagem posterior, isso não parece ter sido o suficiente para que o rapaz mudasse seu comportamento.

ganhando imenso espaço político, passando por debaixo do radar molar que poderia barrá-los. Aos progressistas, de nossos locais de fala, é preciso expandir os locais de escuta e a chamada interseccionalidade (ou compartilhamento de elétrons/pautas de luta, para retornarmos à metáfora que conduz o texto) visando estabelecer ligações sólidas entre o pensar emancipador e as camadas da população que mais sofrem os efeitos da opressão social sem que se recaia na ilusão da vanguarda ou no ativismo de si mesmo.

Ater-se somente à molecularidade nas ações enquanto procedimento pode criar, aos olhos dos que mais se beneficiariam da capacidade das lutas minoritárias em modificar o substrato de cultura e desejo que concorre para sua escravização, a impressão de que estas táticas e lutas querem produzir moléculas para poucos, descoladas de ligações com o real. Infelizmente, essa mentalidade e visão de que as ações moleculares promovem fissão social (e não fusão e compartilhamento), ainda que severamente equivocadas, são elementos presentes na reação em cadeia que dá combustível ao reator do neofascismo ascendente em todo o mundo.

Referências

CARDOSO, E. (org.) **Radioatividade**. Apostila Educativa CNEN. Disp. em <http://www.if.ufrgs.br/tex/fis01001/radio.pdf>

DARDOT, P. & LAVAL, C. **A Nova Razão do Mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. SP : Boitempo, 2016

DELEUZE, G. **Diferença e Repetição**. 2ª edição. Rio de Janeiro . Graal, 1988

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. **Kafka. Por una literatura menor.** Trad. Jorge Aguilar Mora. México : Ediciones Era, 1978.

_____, **Kafka: toward a minor literature.** Minneapolis : University of Minnesota Press, 1986

_____, **Mil Platôs - Vols 1-5.** São Paulo : Editora 34, 1995

_____, **O que é a Filosofia?** São Paulo : Editora 34, 1992

FRASER, N. *O feminismo, o capitalismo e a astúcia da história.* **Revista Mediações (UEL).** V. 14, nº2, 2009. DOI <http://dx.doi.org/10.5433/2176-6665.2009v14n2p11>

GUATTARI, F. **Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo.** Trad. Suely Rolnik. São Paulo : Brasiliense, 1981

LEMBO, A. & SARDELLA, A. **Química.** Vols. 1 a 3. SP : Ática, 1979

MARX, K. **Diferença entre as filosofias da natureza em Demócrito e Epicuro.** Trad. Conceição Jardim e Eduardo Lucio Nogueira. Lisboa : Editorial Presença, 1972

_____, **O Dezoito de Brumário de Luís Bonaparte.** São Paulo : Boitempo, 2011

_____, **O Capital – Livro 1.** São Paulo : Boitempo, 2014

THOBURN, N. **Deleuze, Marx and Politics.** Londres : Routledge, 2003

Reportagens

¿Podrá Vox? José Ignacio Torreblanca. Diario El Mundo, 27 abril 2019. www.elmundo.es/opinion/2019/04/27/5cc2eebb21efa050518b45c0.html.

Sprite desarma hater em novo experimento social. Meio&Mensagem Online. <https://www.meioemensagem.com.br/home/comunicacao/2019/04/12/sprite-desarma-hater-em-novo-experimento-social.html> acesso em 12 jul 2019 18:57.

Sprite coloca hater “frente a frente” com as vítimas, mas ele continua disparando ódio na Internet; vídeo. Jornal Meia Hora. 17 abril 2019. Disp.

<https://meiahora.ig.com.br/geral/mundo-e-tecnologia/2019/04/5635293-sprite-coloca-hater-frente-a-frente-com-as-vitimas-mas-ele-continua-disparando-odio-na-internet-video.html> acesso 12 jul 2019 20:45.